



Patricia Antunes Marcelino

Nascida e criada na zona leste de São Paulo, mora no Jardim Três Marias, é letrada, mãe do Heitor e tutora da cachorra Leona.

Formada em Letras pela USP, professora desde 2010, ingressou na Rede Municipal de Ensino de São Paulo em 2013. Atua na EMEF Prof. Antônio Duarte de Almeida desde 2014, ocupa a função de Professora Orientadora de Sala de Leitura (POS) desde 2017 e organiza o Slam Filhos da Poesia desde 2019.

1888 ficou para trás, agora é a sua vez
rapaz, sentir na pele o que é:
entrar num lugar e todos a te olhar,
sentar num banco e a pessoa ao lado levantar.

eu canto pra osun, osôssi, iemanjá e xangô
eu canto pra iansã, eu canto pra me...

me veja no espelho e me desejo
e meu desejo virou um sorriso

no dia que eu for embora
não me traga flor de desculpa
que depois você me machuca
eu já conheço toda essa história
disfarçada de amor carinho
de você eu nunca quis nada
o amor eu já tenho o meu
mulher livre

sem atrevista, sou feminista, e tocava fogo
nessa sociedade machista.



assim também era com os meus irmãos
a gente sempre cumpriu nosso papel
mas no final não tinha troféu
a vida é dura

como vou elogiar a pessoa dizendo
que gasta demais com a educação?
sendo que escolheu a arma na
mão e os livros no chão
você podem odiar
até mesmo criticar
mas a favela vai vencer
e vão ter que aturar!!!!

Antologia Filhos da Poesia

Patricia Antunes Marcelino (Org.)

Esta antologia traz os poemas produzidos pelos estudantes da EMEF Prof. Antônio Duarte de Almeida para a participação no Slam Filhos da Poesia, fundado na escola em 2019. Os poemas estão agrupados pelo ano em que foram produzidos: 2019 e 2022.

Trazemos o registro da produção dos nossos poetas, marcando a apropriação da poesia falada e escrita, lida e recitada para a expressão artística da subjetividade e da cidadania de nossos estudantes.

Patrícia Antunes Marcelino (Org.)

Antologia Filhos da Poesia

Anna Clara Ostolin - Bryan Pereira de Assis Dourado -
Edvaldo Ferreira da Silva - Emily Christine Costa Santos
- Fernando Gimenes de Oliveira - Giovana Fontes -
Guilherme Souza Santos - Heloiza Eugenia Alves de
Miranda - Isabela Lima - Kauan Silva dos Santos -
Ludmila Rodrigues Pereira - Marcos Vitor Viturino dos
Santos - Mariana Souza da Silva - Rafael Prazeres

Título original: Antologia Filhos da Poesia
ISBN 978-65-00-56671-0 f

EDIÇÃO: Marina Manganotte & Allan de Campos
REVISÃO: Patrícia Antunes & Alexandre Bitencourt
PROJETO GRÁFICO, CAPA E DIAGRAMAÇÃO Marina Manganotte
ORELHA: Patrícia Antunes

[2022]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA IGRÁ KNIGA

São Paulo - SP

<https://www.igrakniga.com/>

igrakniga@gmail.com

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Antologia filhos da poesia / organização Patrícia
Antunes Marcelino. -- 1. ed. -- São Paulo : Ed. Igrá
Kniga, 2022.

Vários autores.

ISBN 978-65-00-56671-0

1. Antologia 2. Poesia brasileira I. Marcelino, Patrícia
Antunes.

22-135772

CDD-B869. 1

Índices para catálogo sistemático:

1. Poesia : Literatura brasileira B869.1

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Patrícia Antunes Marcelino (Org.)

Antologia Filhos da Poesia

Anna Clara Ostolin - Bryan Pereira de Assis Dourado -
Edvaldo Ferreira da Silva - Emily Christine Costa Santos
- Fernando Gimenes de Oliveira - Giovana Fontes -
Guilherme Souza Santos - Heloiza Eugenia Alves de
Miranda - Isabela Lima - Kauan Silva dos Santos -
Ludmila Rodrigues Pereira - Marcos Vitor Viturino dos
Santos - Mariana Souza da Silva - Rafael Prazeres

dia vai dia vem tiro vai, tiro vem
des fazem isso e des querem ir além
racismo aqui racismo lá
porra, isso não vai acabar?

cortes sendo escondidos debaixo de um
moletom azul

apenas sei que hoje estou livre da
dor, a dor já não me afeta mais

hoje que eu talvez tenha me curado ou apenas
me afogado nessas decepções, eu entendo que
você não era para mim e nem eu para você.

mas a vida é única, tento me
acalmar para contrariar as
horas de arar

ei, você que pensa
que me matou,
engana-se você,
pois vivo estarei,

ficar triste? eu não tenho
motivos para ter essa tal tristeza,
são os que são permitidos ter são
aqueles que trabalham e têm
muitas coisas para se ocupar.

SUMÁRIO

Apresentação	8
Prefácio	12
Introdução	15
Anna Clara Ostolin	20
Giovana Fontes	22
Isabela Lima	26
Kauan Silva dos Santos	30
Rafael Prazeres	36
Bryan Pereira de Assis Dourado	40
Edvaldo Ferreira da Silva	42
Emily Christine Costa Santos	44
Fernando Gimenes de Oliveira	46
Guilherme Souza Santos	50
Heloiza Eugenia Alves de Miranda	54
Ludmila Rodrigues Pereira	56
Marcos Vitor Viturino dos Santos	58
Mariana Souza da Silva	64
Patrícia Antunes Marcelino	66

APRESENTAÇÃO

“Se formos todos emocionalmente fechados, como poderá haver entusiasmo pelas ideias? Quando levamos nossa paixão à sala de aula, nossas paixões coletivas se juntam e frequentemente acontece uma reação emocional, que pode ser muito forte.”¹

bell hooks

A poesia periférica entrou de forma consistente na EMEF Prof. Antônio Duarte de Almeida em 2019. Foi um ano de experimentações e diálogos sobre onde encontrar poesia e vivências de escrita poética. Nossa escola estava inscrita pela primeira vez no Slam de Poesias Interescolar de São Paulo, organizado pelo Slam da Guilhermina, porém, na fila de espera. Assim, as atividades com poesia estavam em um andamento gradual, em tentativas de que os estudantes ousassem escrever e expor suas produções, até que surgiu uma vaga no Interescolar para nós. A partir daí, o processo se intensificou, o calendário se estreitou e, em dois meses, realizamos a formação com a poeta formadora Tawane

¹ HOOKS, Bell. *Ensinando a transgredir: A educação como prática da liberdade*. 2 ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017, p.207.

Theodoro, a escrita dos textos, a escolha do nome e do grito e a estreia do Slam Filhos da Poesia. Em nossa primeira participação na competição estadual, nossa representante, Giovana Fontes, ficou entre os seis finalistas. Ainda em 2019 realizamos mais uma edição do Filhos da Poesia, fechando o ano letivo.

Em 2020, em meio a todas as incertezas e desgastes do ensino remoto e isolamento social, realizamos o Slam on-line e participamos do Slam Interescolar em uma chave classificatória com a Heloísa Oliveira.

Em 2022, o desafio era recomeçar os diálogos sobre poesia, retomar a inserção de textos poéticos no cotidiano e encantar estudantes que, em sua maioria, não viveram o Slam na escola, por serem crianças na época. Nas aulas e leituras de poesia, timidamente, alguns estudantes revelaram que escreviam, mas resistiam em compartilhar seus textos. Felizmente, a persistência em participar novamente do Interescolar e o encantamento da vivência com o poeta formador Kenyt, gerou fagulhas nos corações e deu vida à nova geração de poetas do Duarte. Marcos Vitor nos representou na

chave classificatória e marcou nosso retorno à competição.

A poesia falada requer o poeta em sua integralidade: palavra, voz e corpo em movimento. Na escola temos corpos em transformação, hormônios, pensamentos e sentimentos em ebulição, extravasando em texto e performance uma poesia que transcende o silêncio da biblioteca para ser feita em volume máximo.

A batalha de poesia gera adrenalina e engajamento nos adolescentes, os prêmios e a visibilidade de ser representante da escola são um incentivo a mais. De todo esse processo, a vitória mais importante é sobre o receio de se expor e sobre a dúvida quanto à potência de suas palavras.

O meu processo pessoal de redescoberta da poesia e da iniciação à escrita autoral se deu em formações para a atuação como Professora Orientadora de Sala de Leitura (POSL). Simultaneamente, meus irmãos fundaram o Slam Perplexo e a poesia periférica tomou todos os âmbitos da minha vida. Escrever me restaurou, recitar me encorajou, visitar slams tornou-se pesquisa e paixão. A organização do Slam Filhos da Poesia promove o encontro de seres humanos

apaixonados pelo poder da palavra escrita e falada ao microfone. A partir da descoberta dessa paixão em comum, os estudantes-poetas e eu passamos a nos articular como cúmplices nas atividades poéticas.

O ano de 2022 foi arena de várias batalhas - o retorno ao ensino presencial, os conflitos emocionais, as decisões políticas em todas as esferas, a piora na qualidade de vida, o Slam de poesia - além de ser o marco do cinquentenário da escola. Esta publicação chega como prêmio e presente, para registrar que estamos vivos, produtivos, atentos.

Produção poética pode ser caminho para a cura de dores subjetivas, políticas e sociais e é, sem dúvida, uma arma para as lutas que enfrentamos e enfrentaremos.

Como dizem os Racionais: *minha palavra vale um tiro, eu tenho muita munição.*

Patrícia Antunes Marcelino

PREFÁCIO

Estimada leitora e estimado leitor,

Antes de qualquer coisa, é preciso alertá-las(os) que este não é apenas um livro. É preciso dizer logo de início, de rompante, com a coragem que ele nos entrega, que este livro é, sobretudo, manifesto radical acerca da vida e da possibilidade de construção de um espaço digno da nossa própria existência.

Ele é íntimo e devasso. É doce, inteligente e colérico. É força corrosiva que adentra nossa alma já tão maculada, e encontra lá dentro, em algum cantinho há tempos esquecido por nós, um lugar de fazer brotar.

Este livro não é para ser lido se não quiseres ser arrebatada(o). Se te falta a coragem para submergir, afogar-se, asfixiar-se, perder-se em incertezas, melhor que te pares por aqui. Se tens medo de que te digam que o mundo não é justo e igual para todos, ou que suas práticas não são implicadas com a produção de uma sociedade menos racista, sexista e burguesa, que te resguarde em ignorância, e feche este livro agora!

A poesia e os poemas, toda a arte que deste livro transborda, exigem de nós mais do que coragem, reivindicam que estejamos vulneráveis para encontrar coincidência entre nós. E se você, leitora e leitor, assim como eu, deseja despir-se dos preconceitos e caminhar pelas ruínas da nossa própria desconstrução, este livro é um convite: para compartilharmos juntas(os) a estes jovens que vos escrevem, este movimento que nos une e nos atravessa.

Nos quinze poemas que encontrarás aqui, não há espaço para migalhas. Há uma urgência de fazer ouvir vozes e corpos silenciados, desejos e necessidades invisibilizados, conquistas e direitos negados. Há muita potência de criação, de movimento, de vida e de tendência crítica. E é essencial reconhecermos que a inteligência não é capaz de apreender toda essa criação que essas(es) jovens nos trazem. Justamente por isso que é aqui, nestas palavras orquestradas com tamanha maestria, que precisamos reconhecer que nunca sabemos o que nossos gestos e ações podem criar senão a partir do ato de fazê-lo.

Os Filhos da Poesia provocaram a inteligência e produziram novas perguntas. Mais do que reagir a uma

forma social que os quer dóceis, estes poetas e estas poetisas também agiram. Agiram para conhecer aquilo que não conheciam. Agiram quando a regra é repetir. Agiram para encontrar as várias direções para agir. Agiram para conhecer a própria potência de agir. E isso leitora e leitor, é ao mesmo tempo um presente e um aviso para nós.

Para que nossos ouvidos estreitos e pensamentos pré-concebidos não nos impeçam de ouvir e pensar sobre o que essas(es) jovens nos convidam a fazer: mergulhar de cabeça e encampar junto delas(es) essa luta constante sobre o determinado, essa construção permanente de um outro possível, que está fora da possibilidade imediata.

O convite está feito. Agora é momento de apreciar aquilo que essas(es) jovens ousaram fazer. Os textos aqui escritos, estas marcas que prometem se gravar em nós também, além de lembranças desta experiência extraordinária que foi o Slam, também se tornarão potências da memória para o devir de um mundo novo.

Marina Braguini Manganotte

INTRODUÇÃO

Um pouco sobre a EMEF Prof. Antônio Duarte de Almeida

Inaugurada em 1972, a EMEF Prof. Antônio Duarte de Almeida, situada à rua Trevo de Santa Maria, 01 – no Parque Guarani -, região de Itaquera, na Zona Leste da Cidade de São Paulo, recentemente tem buscado transformar suas práticas pedagógicas na busca da qualidade social da educação. A exemplo de constatação, no início de 2017, a escola rompeu com organização estabelecida na Secretaria Municipal de Educação de São Paulo (SME-SP), em contrapartida ao modelo de educação organizado por disciplinas com aulas de 45 minutos, a comunidade escolar criou o Projeto Duarte.

O Projeto Duarte se encontra esquematicamente estruturado por áreas de conhecimento: Linguagens (português/inglês); Humanas (história/geografia); Exatas (matemática/ciências); Integradora (educação física/arte) e Mídia-educação (Professor Orientador de Educação Digital – POED e professores de Exatas, Linguagens,

Humanas). Esta forma de organização do Projeto Político Pedagógico da escola, em certa medida, se configura a uma transgressão ao modelo de educação disciplinar, tal perspectiva tem contribuído com a melhoria das práticas pedagógicas, dado que os docentes saíram do isolamento e agora podem desenvolver o trabalho colaborativo na escola, além disso, tem sido fortalecido o vínculo afetivo entre professores/estudantes, aspecto relevante à melhoria no ensino das aprendizagens escolarizadas.

O objetivo central do Projeto Duarte é a organização do currículo por projetos de trabalho. Para que essa proposta se tornasse real foram potencializados os componentes de aprendizagens: *tempos, espaços e interações*. Outro fator importante no Projeto Duarte são os cinco princípios: *democracia; autonomia; autoria; investigação e corresponsabilidade*, pois foram fundamentais para impulsionar o movimento de mudança que ocorreu na escola.

Pouco a pouco a escola tem compreendido que o trabalho por projetos pode ampliar o conceito de educação, com a ressignificação dos conteúdos escolares para que possam fazer sentido aos


estudantes. Sobretudo, significa que não há mais espaço para que não seja discutida a poesia que não é denominada pela tradição de canônica. A exemplo disso é a integração do Slam na cultura da escola.

Surgido nos anos 80 nos Estados Unidos, o Slam chega ao Brasil em 2008 trazido por Roberta Estrela D'Alva. Além de ser um espaço potente em que os jovens podem expressar seus sentimentos e angústias, o Slam atualmente tem ganhado espaço dentro dos muros escolares. Frente aos princípios do Projeto Duarte, principalmente, no que se refere à democracia e à autoria, que em si dialogam com a proposta do Slam que entre tantos objetivos é ser um espaço democrático onde os que outrora eram excluídos são incluídos na cultura letrada através da autoria de suas poesias, pode-se notar que há um movimento em ascensão entre os estudantes na apropriação do Slam.

Na EMEF Prof. Antônio Duarte de Almeida o Slam chega trazido pela professora Patrícia, organizadora desta antologia, e fica, pois é um espaço de autoria de que os estudantes democraticamente têm se apropriado. É possível afirmar que o Slam já faz parte **da cultura da escola**, visto que é um espaço em que os estudantes

podem desengasgar sua voz, sobretudo, porque nesta escola, deseja-se que o façam. Esta antologia, portanto, configura-se como a materialização da potencialidade que se expressa em torno do Slam no Duarte.

Alexandre Passos Bitencourt,
Professor, escritor, mídia-educador, Assistente de
Direção na EMEF Prof. Antônio Duarte de Almeida,
doutorando em Educação pela Unifesp.



mulher livre
sem depender de nada
que só diz o que não te
convém
e o que não te agrada
também
nunca mais serei sua
nem arrumada
nem nua

ANNA CLARA OSTOLIN

Nasceu em 2004, signo de aquário, mora na zona leste de São Paulo. O primeiro contato com a poesia foi em 2019, quando foi apresentado o Slam na escola. Seu primeiro poema foi escrito no carro, com a ajuda da professora Patrícia Antunes e da amiga Giovana Fontes. Sua primeira vez recitando foi no Slam Filhos da Poesia, ajudou a fazer o grito e a dar o nome ao grupo.

Os manos se acham os foda por desfilas
os mano se acham os pica por gritar na rua "e ai, delícia"
vocês não passam de uns machista
que ao ver uma mulher no busão já querem passar a
mão!
aí não!

Andar na rua sem nem saber se será xingada,
ameaçada ou estuprada.pelo seu ex babaca

Sou atrevida
sou feminista
e tacarei fogo nessa sociedade machista.

GIOVANA FONTES



Nasceu em 2005, atualmente morando no Jardim Limoeiro, zona leste. Escreveu sua primeira poesia com oito anos de idade e persistiu nesse caminho até o ano de 2019, quando batalhou pela primeira vez no Slam Filhos da Poesia, onde venceu. Como representante da EMEF Prof. Antônio Duarte de Almeida no Slam Interescolar, conquistou o quinto lugar da batalha estadual. No mesmo ano, foi convidada para recitar na abertura do show do poeta Fernaun no CCSP com apoio da poeta Tawane Theodoro e da professora Patrícia.

CONTRA TUDO, CONTRA TODOS

Acordamos cedo tomamos uma água que não é do filtro
Comemos um pão amanhecido
Mas sempre grata por mais um dia vencido
Realmente não é fácil
Viver nesse mundo sem nenhum calçado, pronto para
pisar em cima de todos os vidros quebrados
Uma pobre criança
Crescendo com ódio e sem perseverança, mas pronta
pra ir ao combate
E se morrer? Pra eles faz parte
Mas, caralho
Vamos acordar e olhar a vida
E tacar fogo nessa burguesia que discrimina nossa mãe
Por ser da quebrada e não sabe dialogar em todas as
línguas
Como dizem Racionais
“Fé em Deus que ele é justo, ei irmão, nunca se
esqueça”
Deus está a todo momento na periferia
A burguesia não é bem vinda na periferia
Ahh, e a elite será barrada na nossa periferia
Porque a nossa situação vai nos unir com os irmãos

E tacaremos fogo nesse presidente que não se preocupa sequer com a situação

Não adianta se manifestar

Mas sim protestar

Lutando pelo o direito que o governo quer tirar

A justiça ela não é cega, ela paga pra não ver

Coloca uma venda nos olhos

Mas quando vê um Lulista, vish, querem ofender

E mesmo que sigam nessa insistência

O cara vai mostrar que era pra estar na presidência

Um permaneceu 580 dias dentro na prisão

O outro nesse tempo mudou apenas o horário de verão...

Era ele que iria acabar com a corrupção?

Porque nesse período vi dizendo que deveríamos ir ao banheiro um dia sim e outro não

Como vou elogiar a pessoa dizendo que gasta demais com a educação?

Sendo que escolheu a arma na mão e os livros no chão

Vocês podem odiar

Até mesmo criticar

Mas a favela vai vencer

E vão ter que aturar!!!!

deus está a todo momento na
periferia

a burguesia não é bem vinda na
periferia

ahh, e a elite será barrada na
nossa periferia

ISABELA LIMA

Nasceu em 2005, mora no bairro Cidade A. E. Carvalho, zona leste de São Paulo. Teve seu primeiro contato com a poesia em 2019 quando foi apresentado o projeto do Slam na EMEF Prof. Antônio Duarte de Almeida. Escreveu suas primeiras poesias com auxílio da professora Patrícia e das poetisas formadoras, Jessica Campos e Tawane Theodoro. Recitou pela primeira vez no Slam Filhos da Poesia em 2019, ficando em terceiro lugar, e em 2020 foi vice-campeã, ficando como suplente da ganhadora Heloisa Oliveira.

“A pia 'tá cheia de louça
O banheiro parece que é de botequim
A roupa toda amarrotada
E você nem parece que gosta de mim
A casa 'tá desarrumada
Nenhuma vassoura tu passa no chão
Meus dedos estão se colando
De tanta gordura que tem no fogão oh oh”
(Se eu largar o freio - Péricles)

É que a pia ainda tá cheia de louça
De tanto que você me humilha
Me usa me bate me xinga
E chega em casa perguntando
"Cadê minha mulher bonita?"
Cruzando olhares na rua
De mulheres que não é a sua
Mas se eu sair sozinha
Ai já sabe né? "virou puta?"
Me deseja me ama me amarra
Mas me deixa escondida em casa

E eu pergunto Oh, Deus
O que fiz a ti, pra sentir toda essa mágoa?
E não adianta ficar revoltado
No dia que eu for embora
Não me traga flor de desculpa
Que depois você me machuca
Eu já conheço toda essa história
Disfarçada de amor carinho
De você eu nunca quis nada
O amor eu já tenho o meu
Mulher livre
Sem depender de nada
Que só diz o que não te convém
E o que não te agrada também
Nunca mais serei sua
Nem arrumada
Nem nua
Arruma essa tua postura
Cuidado com seus parceiro que vive fazendo
"Fiu fiu" quando me vê passando na rua
Os mesmos que você me troca
Bebe, transa, se droga
E não valem mais que uma noite comigo na praia dahora

E depois não choraminga

Dizendo que eu não avisei

É que você perde tempo achando que é dono do mundo

Esquecendo quem foi que te fez o Rei

KAVAN SILVA DOS SANTOS



Nasceu em 2004, libriano, mora no bairro de Itaquera. Teve seu primeiro contato com a poesia durante o ensino fundamental, mas se encantou em escrever peças de teatro e ao ter o contato com o Slam na EMEF Prof° Antônio Duarte de Almeida, foi quando escreveu de fato a sua primeira poesia, baseada em uma de suas peças. A primeira vez que recitou foi no Slam Filhos da Poesia, que ajudou a organizar e fundar em 2019.

FÉ

Fé,
Acredito em quem tem,
E também a quem não a tem,
Acredito no poderoso,
no divino AMÉM.

Na minha religião cultivamos
A fé, devoção e humildade,
Mas nada disso importa
Porque no final de tudo
Deus é um só!

O que importa mesmo
Não é a religião que você adota, ACREDITE!
Mas o comportamento que você assume dentro dela.

Pensa só, o quanto é chato
Eu durante anos não poder usar o meu branco,
sem me preocupar com o que irão pensar.

Pensa só o quanto é chato,

Eu não ter a liberdade de me expressar!

Agora eu pergunto,

quem aqui sabe do meu caminhar?

Ou sabe das muitas vezes que eu tive que negar,

até um dia minha mãe me ver chorar, e me falar,

“Filho, isso é só mais um motivo de se orgulhar!”

Não precisa se preocupar,

sua religião é sim mais um motivo de se orgulhar!

Na minha religião eu acredito nas forças do além, tá ligado?

É umas paradas doidas, como dizem muitos.

Mas eu não nego minha ancestralidade

meu passado é um orgulho, e ele não me condena.

Meu axé vem de gerações passadas...

Axé pra quem é do AXÉ!

Amém pra quem é do AMÉM!

Saravá pra quem é do SARAVÁ!

E amor pra quem é do BEM!

"Fé é pisar no primeiro degrau, mesmo que você não veja a escada inteira."

Disse Martin.

E das poucas coisas que eu tenho plena certeza é que nada vai me fazer melhor ou pior do que ninguém,

Não tenho nem mais, nem menos fé, ACREDITE!
Apenas cultivo ela um pouco diferente.

Ai, Zeca...

"Sim vou na igreja festejar meu protetor,
E agradecer por eu ser mais um vencedor,
Nas lutas, nas batalhas,

Sim vou no terreiro pra bater o meu tambor,
Bato cabeça,
Firmo ponto sim senhor
Eu canto pra Ogum!"

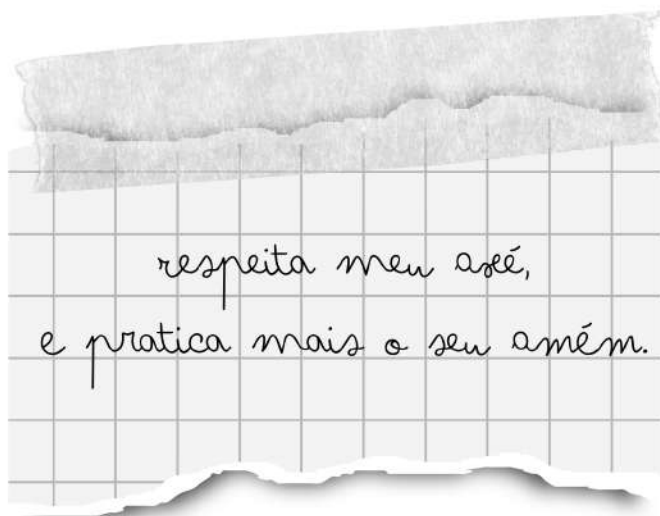
Eu canto pra Oxum, Oxossi, Iemanjá e Xangô.
Eu canto pra Iansã,
Eu canto pra Nanã,

Eu canto...

Discriminação religiosa, Não!

E lembre-se que na Bíblia no livro de Marcos, no capítulo 12, versículo 31 fala, "AMARÁS O TEU PRÓXIMO COMO A SI MESMO"

Respeita meu Axé,
E pratica mais o seu AMÉM.



RAFAEL PRAZERES

Nasceu em 2004, é morador da zona leste de São Paulo. Tem contato com a poesia desde 2015, mas começou a escrever seus primeiros versos em 2019, quando competiu no Slam Filhos da Poesia e terminou em segundo lugar.

OS PRETO VAI GANHAR

Um dia comum

Mas não

Não era um dia comum

Lucas foi pego, sem motivo algum!

Sem motivo algum? Sem motivo algum?

Vocês ainda acredita nessa merda que a mídia fala?

Acabaram com a vida de um preto, adolescente e favelado

Com a maldita de uma bala

Evaldo dos Santos Rosa morreu aos 51

Num belo domingo, dia 7 de pá pá pá pá

80 tiros, sem ter a oportunidade

De se explicar

Agora o porquê?

O que um preto e pai de família

Fez para levar 80 tiros?

Quem souber me explica

Em pleno século 21 estamos a regressar
Voltando para um passado próximo
Que tínhamos "abandonado" já
Mas "eles" quiseram continuar

E para má sorte deles
Não vamos nos calar
Lutaremos do nosso jeito, com todo ódio e rancor
Que guardamos dentro do nosso peito

1888 ficou para trás, agora é a sua vez
Rapaz, sentir na pele o que é:
Entrar num lugar e todos a te olhar,
Sentar num banco e a pessoa ao lado levantar

E entrar num mercado e de lá te expulsar....
"Vish, man
Neginho tá vindo, esconde o celular
se não vai te roubar"

Sai de perto ou fedendo vai ficar...
Troca de lugar comigo um dia

E duvido que tu vai aguentar
Essa burguesia nunca vai saber

O que é passar, sair de casa
Sem saber se vai voltar
Com dinheiro pra sua família alimentar
Mas quer saber, continua!

Tenta a sorte em continuar
Pois uma hora esse jogo vai virar
E quando isso acontecer...
Ferrados vão estar!!

Como ouvi um dia:
"A favela vai ganhar e vocês tem que aturar"
Hoje eu falo:
Os preto vai ganhar e vocês já têm que aturar.

BRYAN PEREIRA DE ASSIS DOURADO



Nasceu em 2008 e sempre morou na Vila Verde. Esse ano começou suas poesias sobre sentimentos e competiu no slam da escola. Por mais que não tenha ganhado, achou incrível ver seus amigos felizes. Desde que nasceu sua mãe lhe ensinou a nunca desistir, por mais que todos digam que algo seja impossível.

PAZ

Ok ok, eu cansei, cansei de ser eu mesmo, de todas as pessoas se envolvendo e de todo esse tempo que no final não está mais correndo.

Vocês me vêem como alguém forte? Como alguém que não sente dores? Qualé, cara, eu não sou a porra de um robô, eu sou como todos os humanos, só não sei direito o que é o amor.

De repente um apagão, folhas brancas caindo em seu caixão, você aparece naquele mar vermelho e no final, puf, um sonho tipo um pesadelo.

Mas ainda não é o final, pois nem todos querem o seu mal, todos queremos aquilo de que nós pertencemos e no final tudo aquilo não passou de um nevoeiro.

Imagina aqui comigo, enquanto você fica no seu silêncio, várias pessoas estão sofrendo e o mundo inteiro está se perdendo, pera, se perdendo... Se perdendo... Onde eu escutei isso? Ah é, quando eu caí e não pude me recompor.

Apenas sei que hoje estou livre da dor, a dor já não me afeta mais, pois tenho amigos que me fazem nunca esquecer o que é o significado da paz.

EDVALDO FERREIRA DA SILVA

Nasceu em 2008, mora no bairro Cidade A.E. Carvalho e é cristão. Toca trombone de vara, faz parte dos projetos teatro, imprensa jovem e monitor, oferecidos pela escola. Adora ler e fazer poemas.

Mora com seu pai, sua mãe e sua irmã no mesmo quintal que os avós. Foi adotado com meses de idade e hoje gosta da sua família.

PENSAMENTOS

Sabe, posso mudar meu pensamento e acabar com isso. Sabe, tem momentos que estamos sós. Mas é necessário, porque nos conhecemos melhor só longe das amizades tóxicas e longe de falsidade.

Ei, você que pensa que me matou,

Engana-se você, pois vivo estarei,

E lutarei, vencerei, chegarei sem trapacear, porque minhas raízes me ensinaram: seja honesto sempre e nunca esqueça quem você é. Não deixe a sociedade te calar, nunca deixe ninguém te calar, pois eles tentaram mudar o seu pensar, o seu agir, como você se veste, mas digo: sou descendente de escravos, que foram torturados, mas hoje digo eu tenho a minha pele "branca" mas meu sangue é de quem sofreu, foi maltratado e humilhado: EU SOU NEGRO!

EMILY CHRISTINE COSTA SANTOS



Nasceu em 2010, no bairro Cidade A.E Carvalho, em São Paulo. Quer fazer faculdade de Direito inicialmente, também quer ser escritora, e diz: “Gosto de escrever desde sempre, mas descobri o meu talento, finalmente, em 2021 e me encontrei nessa de ser escritora.” Participou da sua primeira competição de slam em 2022 e então não teve dúvidas de que tinha finalmente se encontrado em algo. Quer no futuro publicar seus livros e ter pessoas que a admirem, assim como ela admira outros escritores.

SEU RETORNO

Seu retorno me machucou um pouco mais, até porque eu já estou tão machucada com tudo isso e tendo somente a mim mesma como socorro, que simplesmente não ligo. Sei que esse amor significou muito, mas foi ele que não me deixou dormir de madrugada. O amor que finalmente eu senti, por mais que por outro lado eu não tenha vivido o amor, foi como uma corda. Enquanto eu me esforçava para cortar essa corda que nos separava, eu via você simplesmente dando as costas a esse amor. Hoje que eu talvez tenha me curado ou apenas me afogado nessas decepções, eu entendo que você não era para mim e nem eu para você. Mas, sabe, por um momento eu queria viver aquilo que o Kamaitachi disse “teu amor diminuiu minha vontade de morrer”.

FERNANDO GIMENES DE OLIVEIRA

Nasceu em 2007, na cidade de São Paulo. Faz vários projetos na escola: mediador de leitura, aluno monitor, música, cursinho preparatório para ETEC e Mancala. Tem a mãe e o pai morreu de cirrose. Tem 2 cachorros, sua matéria favorita é português, seu sonho é ser cantor e acredita em Deus.

Todos os dias acordo
e escuto vozes julgando os negros
que absurdo

falando mal deles
chamando-os de ratos sujos
onde eles passam são olhados
com mau olhar
maltratados, julgados a ponto
de quererem os matar
os vagabundos que falam que isso tem que acabar
encontram-nos nas ruas e começam a atirar
um tiro na cabeça os negros são obrigados a levar
dia vai dia vem tiro vai, tiro vem
eles fazem isso e eles querem ir além
racismo aqui racismo lá
porr@, isso não vai acabar?
para as pessoas racismo é só brincadeira
isso não é brincadeira não
isso não é brincadeira, meu irmão
o racismo leva as pessoas para o chão
então é isso meus irmãos

vamos levar o preconceito pro chão
fazer a união
seja preto ou branco
todos temos que ter respeito
lutar contra o racismo
pois todos os negros merecem seus direitos.



lutar
contra
o
racismo

GUILHERME SOUZA SANTOS



Nascido em 2009, adolescente trans sem nenhum arrependimento, vivendo o máximo possível fazendo várias coisas! Músico, poeta, desenhista, escritor, fanático por cultura nerd, e um louco por livros e poemas.

SETEMBRO AMARELO

"Setembro amarelo", tá de sacanagem?

Só nesse mês começam a se importar, no resto do ano é frescura, mas em setembro você precisa se tratar.

Cortes sendo escondidos debaixo de um moletom azul

O choro sendo engolido a cada xingamento: "parasita, monstrinho, inútil"

Pensamentos ruins dominando uma mente que é facilmente manipulada, sorrisos, risadas, finja estar bem, até porque é setembro amarelo, você não pode se matar.

Claro, claro, espera só chegar dia 1º de outubro, quero ver se vão se importar se alguém se matar por diversos motivos que começam a te afetar e a cabeça começa a falhar. Você começa a parar de lembrar de coisas que ia falar, conversar se torna um ato doloroso, porque caso saia um comentário maldoso de alguém que não é cuidadoso você se sente horroroso e cogita continuar.

Okay, parece que eu falei demais, eu sabia que eu nem deveria ter começado, se bem que eu nem sei como eu falei, sem a Lucy do meu lado eu quase travei.

Lucy era uma pessoa especial que eu tinha um amor sem igual, éramos uma dupla muito legal, e agora que Lucy se foi, eu prefiro ficar só.... Sofrendo, mas lembre! É setembro amarelo você não pode se matar.

"setembro amarelo", tá de sacanagem?
só nesse mês começa a se importar,

no resto do ano é frescura, mas
em setembro você precisa se tratar.

HELOIZA EUGENIA ALVES DE MIRANDA



Nasceu em 2009, gosta de cantar, dançar e, no tempo livre, escrever o que sente e automaticamente vira uma poesia. Desde que nasceu mora na Rua 18 de Abril, pois nasceu em casa, o que não é lá muito comum. Sempre estudou na EMEF Prof. Antônio Duarte de Almeida e foi lá que descobriu que adorava escrever, mas só depois de muito estímulo da professora Patrícia, da Sala de Leitura, que começou a fazer poesias. Participou de um slam em 2022, ficou em 2º lugar e não pretende parar de escrever.

SENTIMENTOS CONFUSOS

Escrever, o que escrever? Alguma coisa sobre amor? Tristeza? Confusão? Eu não sei. Ou talvez uma junção dos três sentimentos, que pra mim são os mais confusos. Amar, eu não sei o que é amar eu só sou uma criança que acabou de sair das fraldas. Ficar triste? Eu não tenho motivos para ter essa tal tristeza, só os que são permitidos ter são aqueles que trabalham e têm muitas coisas para se ocupar. Confusão? Qual seria o motivo da minha confusão? Eu não faço nada, por que eu deveria estar confusa? Eu não faço nada... Não tenho ocupações, não tenho entendimento suficiente para saber o significado da palavra sentimento. Será que sou um robô? Será que eu sou um erro de fábrica? Pois acho que vim com defeito. Eu sinto coisas até demais. Isso é um problema? É, parece que sim. Eu ainda sou muito nova pra isso.

LUDMILA RODRIGUES PEREIRA



Nasceu em 2008, mora no bairro Cidade A.E Carvalho. É poeta, luta, dança e faz curso de edição de vídeos.

Começou a escrever poesia graças a uma certa pessoa, a professora de leitura, que ensinou que poema é um tipo de escrita com seus sentimentos que você pode se expressar do jeito que você quer, porque sempre pode se expressar melhor escrevendo do que falando para uma pessoa.

Eu ia te pedir pra ficar aqui mas você nunca apareceu
quando eu precisava da sua ajuda

E você não sabe como é ficar sozinho e ser ignorado
pelos próprios amigos

Mas a vida é única, tento me acalmar para contrariar as
horas de azar

E fico evitando geral para eles não perceber que eu
estava magoada com as suas palavras cruéis

Que me machucaram tanto que eu não posso admitir,
mas não consigo escapar desse destino que me
consome

Eu não sei o que fazer para escapar desse destino tão
cruel, esperando até isso acabar

Se eu pudesse eu voltaria ao passado, apagaria toda
nossa amizade e tudo que nos fez até hoje, antes de nós
sermos assim.

MARCOS VITOR VITURINO DOS SANTOS



Sempre morou nos arredores da Cidade A. E. Carvalho. Começou a escrever no próprio Duarte com cordel, introduzido pela Prof Elza. Depois participou do seu primeiro Slam, em 2019, no Duarte. Em 2022, foi campeão do Slam Filhos da Poesia e participou do Slam Interescolar. Não se classificou para as finais, mas continua na atividade da poesia.

VIVÊNCIA

Injustiça... injustiça.

Na minha vida é bem recente

Já que falam que a dor não é aparente

E sim um ponto de vista

Eu sei o que é injustiça e humilhação

Já me chamaram de playboy

Mas não sabe da minha situação.

Qual foi?!

Minha condição nem minha atitude...

Nunca foram de boy!

Quem me conhece sabe

Não preciso explicar pra ninguém

Ser grato eu aprendi desde o berço

Sempre priorizei o que tem valor

Não aquilo que tem preço

Aprendi a ser sofredor

Sempre fui bem na escola
Nunca fui mal na prova
A prof nunca me reprova...
Mas, e agora?

No meu ver, eu não faço mais que a obrigação.
Vindo de onde a gente vem
Tendo o que a gente tem
Tirar nota ruim era frustração

Assim também era com os meus irmãos
A gente sempre cumpriu nosso papel
Mas no final não tinha troféu
A vida é dura

Não tem frescura de ficar pedindo prêmio
Não pedimos roupas
Videogame, brinquedo
Só queríamos da nossa mãe um abraço e no rosto um
beijo

A gente sabe e desde cedo sabia
A situação que a gente passava.

Vi minha mãe ter prazo pra sair de uma casa
Da pessoa que eu menos esperava

Mas creio em Deus
Que meus dois irmãos mais próximos e eu
Vamos mudar essa situação
Com atitude e oração

Coloco o joelho no chão e peço,
Que Deus proteja a nós
Nos guie no nosso progresso.
Vamos conseguir!

Nem tenho mais esperança que a política mude a nossa
situação
Eles nem prestam atenção
Pessoas gastam mil reais no restaurante num dia
E outras no dia não conseguem fazer uma refeição.

Nenhum dos políticos me representa
Quem me representa é Jesus
Ele me alimenta e me sustenta
Sua palavra me conduz.

Fé só nele.

Pra quem quer vida,

Ele é a vida,

E vida eterna

Pra quem tá perdido no caminho,

Ele é o caminho!

Jamais te deixará sozinho,

Basta você dizer: “Apenas em ti confio” .

Pra quem procura a verdade,

Ele É A Verdade!

Isso não é nenhuma pregação, entenda.

É apenas o que eu acredito, é a minha vivência.

Enfim... Não quero arrancar aplausos e gritos

Não foi pra isso que vim.

Já que o meu melhor verso não é aquele que te deixa emocionado na hora,

E sim aquele que faz tu lembrar em qualquer lugar e faça você refletir.

não tem frescura de ficar pedindo
prêmios

não pedimos roupas
videogame, brinqued

só queremos da nossa mãe um abraço e no
resto um beijo

MARIANA SOUZA DA SILVA



Mariana Souza da Silva, assim que sua mãe a nomeou, mas seu nome não é esse, ela se chama poesia, mora na periferia, brincava, corria e ria, mas agora são só ela e suas poesias. Mora no bairro Cidade A.E Carvalho, estuda no EMEF Professor Antônio Duarte, onde se encontra todos os dias. Tem 13 anos, porém com pouca idade já tem muita saúde e saudades, saudades do que já viveu. Faz teatro, fit dance, ballet e basquete.

“Eu comecei a fazer poemas em 2021, quando descobri que eu podia me expressar não somente em letras, mas sim em versos. Eu completo e me completo cada dia mais com os poemas, pois eles são melhores que muitas pessoas e aqui me despeço, igual no final dos meus versos.”

MILHÃO

Vida é sofrida, mas não vou chorar. Viver de quê? Eu vou me humilhar?

Milhar, bilhar e brilhar, é tudo uma questão de conhecer o lugar

E isso eu não aprendi simplesmente a falar

Eu comecei a cantar cantando Racionais

E vendo um monte de irracionais

Que pisaram no ordem e progresso e pregaram o desordem e regresso

O ingresso pro show, show do Djonga que canta “Leal” e vivencia muitos desleais e eu corro e providencio os meus ideais

Me vejo no espelho e me desvejo

E meu desfecho virou um borrão

Caramba, só tô virando mais uma em 1 milhão?!

PATRÍCIA ANTUNES MARCELINO



Nascida e criada na zona leste de São Paulo, mora no Jardim Três Marias, é leonina, mãe do Heitor e tutora da cachorra Leona.

Formada em Letras pela USP, professora desde 2010, ingressou na Rede Municipal de Ensino de São Paulo em 2013. Atua na EMEF Prof. Antônio Duarte de Almeida desde 2014, ocupa a função de Professora Orientadora de Sala de Leitura (POSL) desde 2017 e organiza o Slam Filhos da Poesia desde 2019.

O VÍRUS E A AMEBA

Absurdo, ofensa, violência

Não parecia ameaça

Muitos riam, faziam piada

Ideia de tiozão reaçã

Machismo, homofobia

Racismo, exclusão social

Discurso horripilante

Com espaço na web, tv e jornal

Aquilo se espalhou

Contaminou o Brasil

Queriam ter armas em casa

Liberdade era ter um fuzil

Polarização na campanha eleitoral

Fake news de kit, de mamadeira

Igrejas viraram palanque

Reproduzindo ódio e asneira

Um professor defendia direitos
Equidade, assistência
Era chamado esquerdopata
Atacado com veemência

O tal tiozão era chamado de mito
Milhões faziam arminha com a mão
O cenário ficou esquisito
Chegou a eleição

Não tinha outra explicação
Eleitorado ficou doente
Parecia pesadelo
O #elenao eleito presidente

Primeiro ano do desgoverno
Boicote à Ciência
Cortes de verbas na saúde
Reforma da Previdência

Cultura desmontada
Artistas ofendidos
Educação atacada

Professores declarados inimigos

Ano seguinte, muitos escândalos

Mais ataques, mais cortes

Muita besteira em pronunciamentos

Os bons precisavam ficar fortes

O ano apenas começava

E logo após o carnaval

Chegou coronavírus

Situação ficou surreal

O tal presidente

Num domingo de manifestação

Suspeito de portar o vírus

Foi infectar a multidão

Isolamento, quarentena

Falta de recursos e de leitos

SUS, Universidade e Ciência

Ficaram em evidência

Em vídeos postados nas redes

Quando o surto começava
Um batucar de panelas
Novamente ecoava

Será que um vírus potente
Que se tornou pandemia
Aquele que o presidente
Chamou de histeria

Iria provar à população
Que uma certa ameba
Não tem capacidade
Pra governar a nação??

50 ANOS DE DUARTE

No dia em que aqui cheguei
Fui recebida com um abraço
Companheirismo e empatia
Encontrei neste espaço
50 anos de Duarte
Dessa história eu faço parte.

Estudantes receptivos
Diálogo e acolhimento
Esse tal de vínculo
Mantém Duarte em movimento
Promovendo aprendizagem
E construção do conhecimento.

No Parque Guarani
Tem nordestino retirante
Africano e latino
População imigrante
50 anos de Duarte
Vários povos importantes.

Xadrez, mancala e banda
Teatro, esporte, monitoria
Variedade de projetos
Mente e corpo em harmonia
Educação é integral
Buscando a cada dia
A qualidade social.

Na sala de leitura
Encontro meu universo
Conto, fábula, aventura
Escrita, prosa e verso
Sarau, Slam e autoria
Com os Filhos da Poesia.

Catavento, Parque Ecológico
Sesc, Memorial, Bienal
Tem trabalho de campo
Pra muito espaço cultural
Cidade educadora
São Paulo é nosso quintal.

Projeto Duarte é experimento
Uma proposta inovadora
Áreas do conhecimento
Humanas, Linguagens, Integradora
Exatas e Mídia-educação
Tempos e espaços
Em nova organização.

Fazendo a diferença
Nesse nosso território
Muita gente aqui passou
Ser humano é transitório
Educação de qualidade
É o que fica de espólio.

Os princípios que guiam a ação
Autonomia, autoria, investigação
Corresponsabilidade e democracia
Coletiva construção
50 anos de Duarte
Em prol da Educação.

estudantes receptivos
diálogo e acolhimento
esse tal de vínculo
mantém duarte em movimento
promovendo aprendizagem
e construção do conhecimento.

no parque guarani
tem nordestino retirante
africano e latino
população imigrante
50 anos de duarte
vários povos importantes.

na sala de leitura
encontro meu universo
conto, fábula, aventura
escrita, prosa e verso
saram, slam e autoria
com os filhos da poesia.

projeto duarte é experimento
uma proposta inovadora
áreas do conhecimento
humanas, linguagens, integradora
exatas e mídia-educação
tempos e espaços
em nova organização.

fazendo a diferença
nesse nosso território
muita gente aqui passou
ser humano é transitório
educação de qualidade
é o que fica de espólio.

1ª edição: novembro de 2022.
Tiragem: 100 exemplares
São Paulo, Brasil